



XVII ENANPUR

SÃO PAULO • 2017



Da Imagem à Memória da Paisagem

From Image to Landscape Memory

*Eber Pires Marzulo¹, Professor UFRGS,
eber.marzulo@ufrgs.br*

*Marcelo Arioli Heck², Professor UNIVATES,
arquivos.do.marcelo@gmail.com*

1 Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mestre em Planejamento Urbano e Regional pelo Programa de Pós Graduação em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS e doutor em Planejamento Urbano e Regional pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (IPPUR) da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ, com estágio de doutoramento no IRIS (Institute de recherche interdisciplinaire en socioeconomie)/CNRS, Paris IX - Dauphine. É professor da Faculdade de Arquitetura e do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional - UFRGS. Integrante do corpo docente do curso de Pós-Graduação em Economia da Cultura e do Curso de Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, na Faculdade de Ciências Econômicas - UFRGS. Coordena o Grupo de Pesquisa Identidade e Território/CNPq e é membro do GT Democracia Participativa, Sociedade Civil e Território do Centro de Estudos Internacionais sobre Governo (CEGOV)/UFRGS).

2 Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e mestre em Planejamento Urbano e Regional pelo Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS. É professor da Faculdade de Arquitetura da Unidade Integrada Vale do Taquari de

RESUMO

Trata-se de uma discussão sobre a aplicação dos termos paisagem, memória e imagem aplicados ao planejamento urbano regional e áreas afins, conceitos e noções que na maior parte das vezes são utilizados academicamente sem a precisão necessária. O artigo propõe uma relação entre os termos, sendo a imagem um elemento constituidor de discursos, sobressaindo-se em relação à paisagem, que aqui é observada como elemento constituído. A discussão apresenta-se na busca de um campo analítico de temas até então tratadas de forma abstrata ou até mesmo periférica, em que pese fundamentais tanto aos estudos urbanos como aos estudos sociais. Operacionalizando a discussão em torno da imagem e da paisagem e trazendo a temática para realidades brasileiras, por particular importância da questão, formula-se a constituição da unidade identitária nacional, partindo de fatores culturais que interferem no processo construtivo ao longo do tempo que constitui uma paisagem identificadora de nação. A paisagem passa a ser contextualizada não mais como origem geomorfológica e histórica, e sim como aspecto imediatamente cultural, em virtude de processos de construção desde imagens e memórias que a legitimam, fortalecendo o vínculo entre imagem, memória e paisagem, provocando necessariamente o debate sobre as interpenetrações destas categorias. A discussão teórica é associada ao espaço a partir de experiências contemporâneas de alterações de paisagem em metrópoles urbanas, sendo analisados seus reflexos na imagem da cidade e na memória coletiva urbana.

Palavras Chave: Imagem; Memória; Paisagem.

ABSTRACT

It is a discussion about the application of the terms landscape, memory and image applied to regional urban planning and related areas, concepts and notions that are most often used academically without the necessary precision. The article proposes a relation between the terms, being the image a constituent element of speeches, standing out in relation to the landscape, that is observed here as constituted element. The discussion presents itself in the search for an analytical field of subjects previously treated in an abstract or even peripheral way, in which it is fundamental to both urban studies and social studies. Operationalising the discussion around the image and the landscape and bringing the thematic to Brazilian realities, for a particular importance of the question, the constitution of the national identity unit is formulated, starting from cultural factors that interfere in the constructive process over time that constitutes a Landscape of the nation. The landscape is no longer considered as geomorphological and historical, but as an immediately cultural aspect, due to construction processes from images and memories that legitimize it, strengthening the link between image, memory and landscape, necessarily provoking the debate about the interpenetration of these categories. The theoretical discussion is associated to space from contemporary experiences of landscape changes in urban metropolis, analyzing its reflections on the image of the city and the urban collective memory.

Keywords: Image; Memory; Landscape

Ensino Superior/UNIVATES. Integrante do Grupo de Pesquisa Identidade e Território/CNPq e pesquisador do GT Democracia Participativa, Sociedade Civil e Território do Centro de Estudos Internacionais sobre Governo (CEGOV)/UFRGS. Integrante do Conselho Diretor do Instituto de Arquitetos do Rio Grande do Sul – Departamento Rio Grande do Sul/IAB RS.

INTRODUÇÃO

A imagem entendida como discurso permite seu estudo como chave analítica para a compreensão da ideia de paisagem e da memória como noções que assumem particular relevância na sociedade contemporânea, dada as transformações epistêmicas nas relações espaço-tempo nas últimas décadas. Tal abordagem aparece como relevante nos estudos urbanos e na área de planejamento urbano e regional, na medida em que permite operar tanto em níveis abstratos conceituais sobre as relações entre paisagem e memória como também em termos aplicados, em que pese ainda não termos uma tradição nacional de incorporação da problemática da paisagem às práticas de planejamento urbano, pois ainda restrita a especificidade das ações no campo do patrimônio, tal qual a memória. O presente artigo parte da perspectiva que a imagem, enquanto categoria de análise assume primazia como noção abstrata capaz de estabelecer sentido heurístico as ideias de paisagem e memória.

Interessa então o estudo de como os discursos imagéticos se manifestam e constituem a paisagem, muitas vezes ainda compreendida apenas através de uma visão estagnada, de paisagem natural ou construção estática, estandardizada. Na abordagem aqui tomada, as implicações da noção abstrata da imagem como discurso instaurador da ideia de paisagem que, por sua vez, estabelece-se a partir da noção de memória, têm como fio condutor o conceito de experiência. Em particular, interessa a intersecção das relações entre paisagem e memória, o que posiciona com relevância analítica a ideia de experiência, em virtude da importância da memória na construção da ideia de experiência.

A imagem, enquanto discurso que dá contorno e caráter ao espaço e as relações que o constituem, apresenta-se como paisagem, ideia reconhecida historicamente pelo campo da arte, depois como aspecto da natureza e, mais recentemente, como estritamente cultural. Caráter cultural cuja atribuição de sentido remete necessariamente aos significados anteriores ligados à natureza e arte e assim, em movimento epistêmico complexo, a ideia de paisagem se legitima como categoria descritiva desde o discurso da imagem, constituindo-se e sendo constitutiva da memória, cujos limites cognitivos estão orientados pela experiência. A imagem, ao ser reconhecida como discurso, assim como os textos escritos, ou até mesmo com mais potência na sociedade contemporânea, tem sua legitimidade e relevância reconhecida para a compreensão dos processos sócio-espaciais, cuja significação e entendimento passa, na perspectiva aqui tomada, por sua incidência na configuração do espaço através da paisagem da memória e da memória da paisagem, e, a partir de então, adquirem, as imagens, o estatuto de discursos que disputam a instauração do mundo (MARZULO, 2015).

SOBRE A RELEVÂNCIA DA IMAGEM NO PLANEJAMENTO URBANO REGIONAL

A virada visual (*visual turn*) emerge na contemporaneidade como nova inflexão nas ciências socio-históricas e estudos espaciais ao colocar a questão das imagens no centro do debate em diferentes âmbitos acadêmicos, em particular nas artes e humanidades (Jay, 2012). Dada a relevância intrínseca da ideia de imagem no campo do planejamento urbano e regional estendido aos estudos urbanos e regionais, embora tratada como pressuposto, ilustração, pano de fundo, ou instrumento, enfim, não problematizada enquanto categoria analítica, a questão das imagens se faz inadiável, na medida em que os discursos imagéticos incidem nos processos de instauração e cognição das espacialidades (Martins; Marzulo, 2014). A partir da virada visual a imagem passa a ser tratada na sociedade contemporânea como discurso, ou seja, passa a ser entendida como

constituidora de sentidos e significados. Seu entendimento deixa de ser simplesmente de figura ilustrativa subordinada necessariamente ao texto ou de representação pictórica da realidade para posicionar-se como categoria abstrata capaz de estabelecer novos sentidos na disputa pela instauração da materialidade, seja em termos prescritivos, como os projetos urbanos e arquitetônicos, seja analiticamente, como nas artes.

Esta abordagem ainda pouco difundida, pois se apresenta como periférica aos circuitos mais estabelecidos nas ciências em geral, incluindo mesmo os campos em que o tema tem centralidade como as artes e humanidades, alcança contornos de irrelevância analítica no âmbito da produção de espacialistas e terrioriólogos, apesar da centralidade do emprego da imagem no campo. Tanto na geografia, arquitetura, urbanismo, ou planejamento urbano, para ficarmos nas áreas acadêmicas imediatamente do espaço, a imagem, todavia se restringe a figura ilustrativa ou descritiva de ideias. Se esta significação limitada ocorre tanto com imagens de projetos arquitetônicos que objetivam sua instauração material, é ainda mais relevante na construção de cartografias quando estas pretendem representar o que se encontra no espaço, apesar de todo o vasto campo de crítica cartográfica (Santos, 2011). Trata-se aqui da emergência de cartografias alternativas que pressupõem a existência de uma disputa pela descrição cartográfica enquanto necessariamente disputa política, pois engendra na descrição do espaço necessárias relações de poder (Raffestin, 2005). Mesmo nessas correntes críticas a concepção da cartografia como representação neutra não se afirma uma abordagem da cartografia como discurso que disputa uma instauração da materialidade (Marzulo, Carvalho, Tessler, 2015).

A presente investigação interessa em particular o discurso em sua forma imagética, especificamente como constituidor de paisagens. A relevância da imagem como discurso na contemporaneidade se deve justamente à superação do paradigma representacional. No paradigma representacional, que regia a leitura moderna da fotografia e demais obras de arte pictóricas e escultóricas, a imagem seria apenas simulacro visual imperfeito da coisa no mundo. A potência de distintas significações proporcionadas à leitura de uma imagem se deve a sua não linearidade. Ao contrário da leitura de um texto, que é um encadeamento linear de ideias pelo qual nos leva o autor para chegar a uma ideia final, a leitura de uma imagem não é linear; ocorre do todo para o específico. Flusser (2007) afirma que, enquanto o texto obedece a uma episteme moderna, a imagem constituiria uma nova forma de conhecer que, ao contrário da objetividade do texto, seria mais subjetiva e dependente de contexto. Aqui interessa a análise daquelas imagens que apresentem discursos sobre o espaço, sendo assim constituidoras de memórias e paisagens. A paisagem é tomada aqui como categoria de dizer sobre o território. Conforme Raffestin (2005), a paisagem não é a forma do espaço, mas um construir sobre ele, portanto discurso passível de análise enquanto imagem.

Há uma produção e uma circulação de imagens de maneira tão intensa e tão rápida que a relação com espaço e territórios está constantemente em modificação. Por um lado, as imagens constroem e reconstroem a memória, na medida em que se somam e interpõem como discursos que rearranjam espacialidades. Por outro, as imagens dão contorno e caráter ao nosso entorno se traduzindo em paisagem, categoria hoje elevada a um status de recurso ambiental e cultural.

Se a força das imagens é uma questão contemporânea do ponto de vista de sua incidência sobre as materialidades espaciais superando ou, no mínimo, disputando com os textos escritos a legitimidade e relevância para a compreensão dos processos sócio-espaciais, assume novos contornos desde uma perspectiva anti-platônica, pois nesta as imagens adquirem o estatuto de discursos que disputam a instauração do mundo. Disputa que, desde a virada linguística (*linguistic*

turn) colocam os discursos na posição de formulações que atuam sobre a instauração do mundo e da vida e não mais como representações de uma hipotética realidade inacessível como apresentam todas as compreensões de referencial platônico. As viradas linguística e visual, assim, colocam questões de caráter epistemológico ao problematizarem as possibilidades de acesso ou entendimento do pensamento sobre o mundo das coisas e de ruptura com as abordagens representacionais.

Não se pode esquecer que cartografia, projeto e plano são instrumentos e temas centrais na área do Planejamento Urbano Regional, marcados pela produção de imagens, muitas vezes sem uma reflexão com o grau de aprofundamento necessário para a compreensão e entendimento do sentido que o uso destas implica em termos analíticos. Pode-se pensar sobre a questão de o quanto a imagem de cartografias, projetos e planos atuam sobre a construção e constituição do espaço indo muito além de meros instrumentos descritivos e/ou de representação de ideias, mas antes, enquanto discursos que buscam incidir na constituição da materialidade das sociedades históricas.

Assim, nosso campo de estudos apresenta especial possibilidade de aprofundamento da questão trazendo contribuições específicas à discussão sobre as imagens e também para a produção acadêmico-científica e referenciais práticos da área de Planejamento Urbano e Regional e áreas afins. Em relação à contribuição de caráter geral à temática, nossa área permite articulações transdisciplinares acionando tanto as discussões filosófico-epistemológicas quanto as imediatamente socioeconômicas como também o conjunto de disciplinas que tem como centro as problemáticas territoriais e espaciais superando uma tendência de abordagem do tema apenas por disciplinas em que a imagem tem centralidade como objeto, a saber, as artes, artes aplicadas e humanidades.

NACIONALIDADE BRASILEIRA E A IMAGEM

No quadro de constituição da moderna sociedade brasileira, cabe salientar a particular importância da questão, na medida em que diferentemente dos processos de constituição das identidades nacionais no quadro moderno ocidental, fundadas na literatura e, logo, no domínio da leitura cujo sentido implica na formação de um sistema literário constituído pelo mercado editorial, rede de bibliotecas e sistema de ensino; na sociedade brasileira a função da leitura e dos sistemas a esta associados não se desenvolveu plenamente ficando restrita a parcelas dos grupos sociais dominantes tendo a constituição da unidade identitária nacional estabelecida em um primeiro movimento pelo rádio complementado, no período da ditadura militar, pela televisão e sua imensa capacidade de alcançar os pontos mais distantes e ermos do território nacional forjando mito de origem, paisagem, tipos humanos, valores morais e idioma. A ideia de nacionalidade brasileira, nessa perspectiva, constitui-se fundada em imagens audiovisuais narrativas que formulam um discurso imagético sobre o território e a população, estabelecendo ao longo do tempo uma paisagem identificadora da nação (Marzulo, 2005).

O território, aqui acionado por sua relação com a nacionalidade, portanto, é construído no jogo entre material e imaterial, funcional e simbólico, e as concepções de território capazes de responder à realidade contemporânea são aquelas de perspectivas que valorizam a ideia de um território no sentido relacional e processual, devendo-se falar em processos de territorialização em vez de território de forma estabilizada, assim como em processos de identificação mais do que de identidades (Haesbaert, 2007). Nossas identificações, assim, seriam sempre configuradas em

relação à dimensão histórica (memória, imaginação e passado), assim como em relação à dimensão geográfica, entorno espacial que vivenciamos (Haesbaert, 2007).

Entende-se que a imagem está inserida tanto nos processos analíticos como operativos de apropriação do espaço. A discussão se torna particularmente relevante porque no momento as imagens deixam de ser interpretadas por seu aspecto figurativo e passam a ser tratadas por seu aspecto discursivo e, logo, de incidência sobre as análises espaço-territoriais. Interpretar as imagens como discursos acrescenta informações à análise de paisagem que tornam sua estrutura, função, forma, dinâmica, elementos e experiência mais complexos e dificilmente indissociáveis entre si. Toda dinâmica de construção de identificação é inerentemente espacial, seja ela materializada no território em forma de instituições, seja na construção simbólica e no imaginário de diferentes grupos culturais (Haesbaert, 2007). Logo, apropriar-se de um território é ter acesso tanto às realidades visíveis (política, econômica) quanto aos poderes invisíveis (cultura).

O objetivo desta reflexão é provocar o debate sobre a incidência das imagens na constituição de disputas discursivas sobre o espaço, em especial o urbano-metropolitano, a partir da instauração de discursos sobre o espaço desde imagens que constituem e são constituídas pela memória e assim estabelecendo as paisagens, por princípio, culturais. Trata-se de continuar aprofundar a discussão sobre a imagem como discurso, agora centrado nas relações entre paisagem e memória. Seja a imagem como instrumento ou método para análise morfológica; seja na problematização de sua intangibilidade e interpretação do discurso imagético; seja na implicação da imagem na construção de valores que orientam a operação sobre o espaço.

A imagem assume uma operacionalidade que a aproxima, por um lado, de questões de caráter epistêmico ao situá-la como conceito que opera junto à experiência, por outro assumindo um movimento transversal como a expressão material da narrativa construída sobre a paisagem e constitutiva da memória. Para alcançar a especificidade do momento em que a produção de imagens se prolifera como recurso tecnológico instaurador de memória e referente de práticas do lugar, toma-se a ideia de estetização do mundo (Lipovetsky; Serroy, 2015) como característica cognitiva da sociedade contemporânea.

A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DESDE A IMAGEM DA PAISAGEM

Da mesma forma, o debate contemporâneo sobre a memória também tem recaído sobre os processos de sua construção. A centralidade da relação entre memória e paisagem dar-se a partir da memória coletiva (Halbwachs, 2006), em particular na abordagem de memória como narrativa autobiográfica, cujo sentido se constitui desde a espacialidade e em sua relação intrínseca à questão da imagem a partir do estabelecimento do discurso imagético como recurso constituidor e, também, de afirmação de determinado sentido da memória pelo estabelecimento de determinada imagem (Arfuch, 2013).

Quando se trata da paisagem a leitura aportada aqui é a de Berque (1998), em que a paisagem está composta por marca e matriz. Marca porque expressa uma civilização e, ao mesmo tempo, matriz porque participa dos esquemas de percepção, concepção e ação. Repleta de significados, a paisagem transforma-se em espaço, uma construção cultural do lugar. A ideia de paisagem, de origem geomorfológica, e antes das artes, passa a ser cada vez mais compreendida como cultural, embora sempre tenha a tendência oriunda do referencial representacional e do senso comum de estar associada a um lugar, enquanto distribuição geométrica de objetos no espaço, em virtude de

processos de construção que provém de imagens que constituem memórias, assim situando-se em esfera intersubjetiva.

A paisagem não existe nem objetivamente nem em si mesmo, pois é relativa ao que se pensa, em respeito ao que se percebe e ao que se diz (Besse, 2006). Para estudar a paisagem nessa perspectiva, a análise precisa ser feita a partir dos discursos dos sistemas filosóficos, estéticos, morais. Não havendo lugar para a distinção entre a paisagem concreta e a imagem de paisagem. O processo que transforma a hipotética paisagem concreta em imagem, e que é muitas vezes realizada indiretamente através da arte, torna-se tão importante quanto os processos diretos, na medida em que a imagem constitui um discurso que incide no entendimento da paisagem. A maneira de ver e a construção de paisagens através da experiência indireta, através do contato com determinada paisagem por diferentes meios, seja pela literatura, pela música, pela fotografia, pela pintura ou pelo cinema é um processo de construção visual, que vai além do processo ótico, o que significa um tratamento da experiência no mundo através da imaginação e a expressão das ideias através de imagens (Cosgrove, 2008).

Segundo Pollack (1992) os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva, são os acontecimentos vividos pessoalmente e também pelo grupo ou coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. A memória se constituindo pelos lugares particularmente ligados a uma experiência privada ou social enquanto lugares da memória pública. Em parte herdada, também sofre flutuações, em virtude do período em que é articulada e está sendo expressa, a memória, desta forma, torna-se fenômeno construído uma vez que sua constituição decorre de valorações sociopolíticas de determinado momento histórico ou sócio-biográfico. Ao afirmar-se que a memória é um fenômeno construído desde imagens, ao se tratar da memória herdada enquanto produção e incorporação de legado imagético fica estabelecida a inexorável e estreita ligação entre memória e constituição biográfica.

Na fronteira do conhecimento do tema se tem a questão da pós-memória (Hirsch, 2008), noção que busca definir as especificidades da memória constituída a partir de memórias anteriores. Pós-memória aparece assim como recurso analítico capaz de precisar as dinâmicas de formação de determinadas imagens desde relatos do presente por sujeitos que não são contemporâneos dos eventos, todavia marcados e constituídos por estes.

As relações entre os modos de vida e a formação de construção das territorializações dos pobres das periferias urbano metropolitanas no Brasil podem encontrar explicações na memória após a experiência da economia de subsistência na sociedade escravista do século XIX, assim como a experiência contemporânea da mobilidade intrametropolitana em geral traumática para os pobres pode acionar uma pós-memória de diásporas anteriores. Nesse contexto, as imagens da pós-memória são formuladoras de paisagens contemporâneas, através da construção objetiva das materialidades ou em processos interpretativos das paisagens que se impõem como discurso unificador de condições sócio-espaciais específicas, como as atribuições negativas ao campo ou as positivities resgatadas recentemente da paisagem amazônica ou do sertão verdejante na filmografia contemporânea brasileira.

A paisagem passa então a romper com sua conceitualização de origem geomorfológica para se afirmar como aspecto imediatamente cultural, em virtude de processos de construção desde imagens e memórias que a legitimam, fortalecendo o vínculo entre imagem, memória e paisagem provocando necessariamente o debate sobre as interpenetrações destas categorias/noções.

Tratar da relação entre imagem, memória e paisagem dá profundidade e evita a banalização das inúmeras formas de utilização dessas categorias/noções no planejamento territorial contemporâneo, seja em políticas de preservação do patrimônio cultural, de incentivo turístico ou de uso e apropriação do espaço. Há que considerar a formulação sobre imagem, memória e paisagem na fronteira frágil entre a materialidade e imaterialidade, entre o individual e o coletivo, entre o passado e o presente, entre a testemunha e a invenção, entre o mental e a ação.

Torna-se inevitável ao tratar da questão da imagem associada à paisagem um salto em direção à problemática da hierarquização dos termos. Por isto, a abordagem aqui tomada coloca a noção de imagem como norteadora da categoria paisagem. Trata-se sim da definição de estatutos distintos, por ser absolutamente necessário o estabelecimento da relação proposta para se enfrentar o problema. O problema em tela é: como a imagem orienta o reconhecimento da paisagem? É desta forma que se entende como havendo uma primazia da imagem como noção abstrata capaz de projetar o estabelecimento da paisagem. Invertamos a pergunta: como a paisagem orienta o reconhecimento da imagem? Soa sem sentido, pois na ideia de paisagem está intrínseco um conteúdo descritivo tanto como na noção de imagem um alto grau de abstração, quase uma categoria de pensamento. Logo, não faria sentido a paisagem orientar a compreensão da imagem.

Imagem não funciona como categoria descritiva, enquanto paisagem sim. De acordo com esses termos, pode-se seguir em direção a investigações de processos de constituição de paisagens desde imagens.

BARCELONA, BUENOS AIRES E PORTO ALEGRE: ORLAS APAGADAS

Dentre os espaços tradicionais das metrópoles, destaca-se aqui às questões de orla por dois motivos. O primeiro deles parte da relação entre a orla e sua relação sociohistórica com a cidade. Muitas vezes a cidade é fundada a partir da orla, especialmente a partir do período onde o transporte de longas distâncias era realizado pelas águas (Weber, 1966). Assim, parte da história da cidade – e consigo de seu patrimônio material e imaterial – está relacionada a estes espaços.

Com relação à análise da memória, especialmente tratando-se da pós-memória, é fundamental que o espaço tenha um significado histórico para a cidade. Em que pese a importância do sentido histórico, a problemática da carência de relação morfológica e funcional desde as relações entre margens e bordas, é ainda relevante nas grandes cidades, mesmo com todos os projetos nas últimas décadas de *waterfronts* e afins. As cidades ocidentais, em grande parte, situadas a beira de cursos d'água, seja na Europa clássica como Paris e Londres, seja na América como Nova Iorque, Rio de Janeiro ou Buenos Aires, perderam, em especial na segunda metade do século XX, os espaços e funções de contato entre a população em sua dinâmica cotidiana e a água, particularmente devido ao aguçamento generalizado das separações das funções urbanas, desde o paradigma do zoneamento.

A orla destaca as grandes cidades em sua constituição e identificação, enquanto espaço sociohistórico particular. São locais de escape, de fuga da aceleração da vida contemporânea. Trata-se de espaços muitas vezes associados ao bucolismo do campo, paisagem muitas vezes fantasiada para as bordas das metrópoles, hoje retomadas em uma perspectiva de consumo dos espaços. Ou do hedonismo dos corpos. Sugere-se uma análise crítica sobre as alterações de paisagem relacionadas à orla, explicitando o que já aconteceu e até pouco tempo acontecia, em um processo de constituição de memória coletiva nestes espaços como forma de problematizar o que

está por vir ou o que as propostas de alteração de paisagem implicarão em termos de mudança de significado e da(s) memória(s) associadas ao local. (Marzulo, et al, 2016).

No cenário internacional duas referências se destacam entre tantas: Barcelona, na Espanha, e Buenos Aires, na Argentina. Em Barcelona, um grande processo de alterações urbanas especialmente nos últimos 25 anos, em que passaram a compor o cenário da cidade o Distrito 22@ (proposto no ano de 2000) e as obras relacionadas às Olimpíadas de 1992. Ambas as experiências situam-se em locais tradicionais considerando a perspectiva história de ocupação da cidade e animação urbana, embora não sejam no centro histórico da cidade. Todavia, enquanto o Distrito 22@ configura-se como um plano elaborado a partir dos critérios da inovação tecnológica e de alterações urbanas em uma região de antiga atividade industrial, o parque olímpico foi responsável pela reconfiguração de parte da paisagem de orla da cidade. Considerando que se trata de uma das primeiras grandes metrópoles que passou por um grande processo de transformação contemporâneo, pensando-se na demarcação estabelecida pelos chamados grandes eventos, para Delgado (2007) Barcelona se transformou em uma cidade *top-model* que evidencia imagem consensual de civilidade e civismo como se não houvesse uma Barcelona, desigual e agonística, escondida nas periferias cada vez mais distantes.

Barcelona é considerada um exemplo emblemático de apagamento da memória, sendo a cidade um exemplo da sistemática destruição dos tecidos sociais com memória e consciência coletiva. A questão emerge a partir do Distrito 22@, que evidencia de um lento, gradual e sistemático apagamento programado e sistemático da memória industrial e operária, fazendo com que, através da segregação social, ocorra a substituição dos antigos residentes de classes operárias por novas classes médias e altas. A partir de contestações sociais foi possível deter a destruição de uma parte do conjunto industrial, através de um projeto alternativo que pretendia dar continuidade ao tecido onde se inseria o conjunto fabril, deixando expressas as camadas fundamentais daquele palimpsesto urbano: a antiga estrutura industrial, a estrutura de quarteirões fechados característicos de determinado período da cidade e a nova estrutura moderna e flexível, sobre as preexistências e dentro do Plano 22@. O exemplo da Vila Olímpica, construída em um deserto de referências após a derrubada do patrimônio industrial presente no local, caracterizado com edificações de referência embrionária para o modernismo na Catalunha, como os *Almacenes Generales de Depósito* (1874), obra de Elies Rogent, talvez tenha ajudado a emergir a resistência ao Distrito 22@ (Montaner, 2015).



Conjunto Industrial na década de 1990.
Fonte: www.22barcelona.com



Novo conjunto urbanístico em 2014.
Fonte: www.businessleaders.com.br

Quadro 1 – Transformação da paisagem do Distrito 22@ em Barcelona

Na experiência de Buenos Aires, o exemplo mais recorrente é o do *Puerto Madero*, antigo porto da cidade que passou por obras ditas de revitalização ocorridas a partir da última década do século XX. Um destaque para este local é que o antigo porto também causou um processo de alteração significativo na paisagem, visto que foi construído na última década do século XIX. Desde sua fundação o local passou por diversos estudos de reurbanização, porém a maior parte destes não se concretizou. Foi na década de 1990 que o novo projeto, também fundamentado em um plano estratégico que relaciona a economia ao uso do solo, foi viabilizado através de aporte de capital estrangeiro. O resultado foi uma grande valorização imobiliária do local, alterando significativamente o uso do solo e as pessoas que utilizam o local, muitas delas, turistas.



Figura 1 - Transformação: Puerto Madero. Foto: www.nuevopuertomadero.com



Porto de Buenos Aires em 1929.
Fonte: www.histarmar.com.ar



Porto de Buenos Aires (Puerto Madero) em 2016.
Fonte: www.expedia.com.br

Quadro 2 – Transformação da paisagem do Porto de Buenos Aires

A experiência de Porto Alegre é marcada por recentes propostas de alteração nas paisagens de orla. A primeira delas remete ao ano de 2009 e trata-se um projeto para a antiga área da empresa Estaleiro Só, conhecida como Pontal do Estaleiro. Trata-se de uma área às margens do Guaíba, próxima a região central da cidade, que pertencia ao estado a partir de 1995, quando a antiga empresa declara falência. A área foi leiloada e no ano supracitado é proposto um conjunto de prédios residenciais e comerciais na área. Na época houve uma mobilização popular que motivou uma consulta popular sobre a possibilidade de o empreendimento integrar o uso residencial ou não, sendo a opção de proibição a maioria votada.

Outra área que é discutida há décadas é a do Cais do Porto da cidade, situada em uma das áreas mais antigas da cidade e que teve seu ápice de utilização em meados do século XX. Após este período passou a ser subutilizado do ponto de vista naval, de modo que uma parte manteve seu uso original e a com localização mais central passou a receber eventos culturais. Muitos estudos urbanos já foram realizados para o local, mas nenhum deles esteve tão perto de se concretizar como o que está posto em discussão neste momento na cidade. Em 2008 o estado do Rio Grande do Sul realizou uma licitação para que consórcios realizem um projeto para o local, que seria concretizado a partir de uma parceria público-privada com concessão de uso de 20 anos. Como ocorreu no estudo para o Pontal do estaleiro, o processo foi questionado por parte da população sobre algumas alterações do regime urbanístico e de uso do solo, além do próprio processo licitatório e de realização do projeto, considerando que este não teve a participação popular necessária. O projeto segue em discussão.

O projeto urbano mais recente dentre os mencionados aqui é o de requalificação da orla do Guaíba em um trecho de aproximadamente seis quilômetros. Trata-se do local de orla mais utilizado na cidade, situado na adjacência da Usina do Gasômetro, antiga usina termoeletrica atualmente transformada em um centro cultural. A prefeitura encaminhou a contratação do estudo urbanístico em 2012 e, após alguma demora na contratação e realização deste, as obras foram iniciadas em 2015. Atualmente a área encontra-se interditada em função das obras, sendo parte dela isolada através de tapumes e parte com cercas. O projeto também foi questionado por parte da sociedade, embora com menor articulação do que nos processos anteriormente citados, especialmente com relação à sua forma de contratação e a participação social no decorrer de sua realização. Além dos projetos acima apresentados para a região central da orla de Porto Alegre, ao longo da história este cenário já passou por diversas transformações. O uso do espaço de orla da cidade foi sendo transformado com intervenções físicas, como o Cais do Porto e o Trensurb (Trem metropolitano da região metropolitana de Porto Alegre). Na imagem abaixo é possível verificar a relação entre alguns dos elementos citados e a área da intervenção urbana em curso, na orla da cidade.

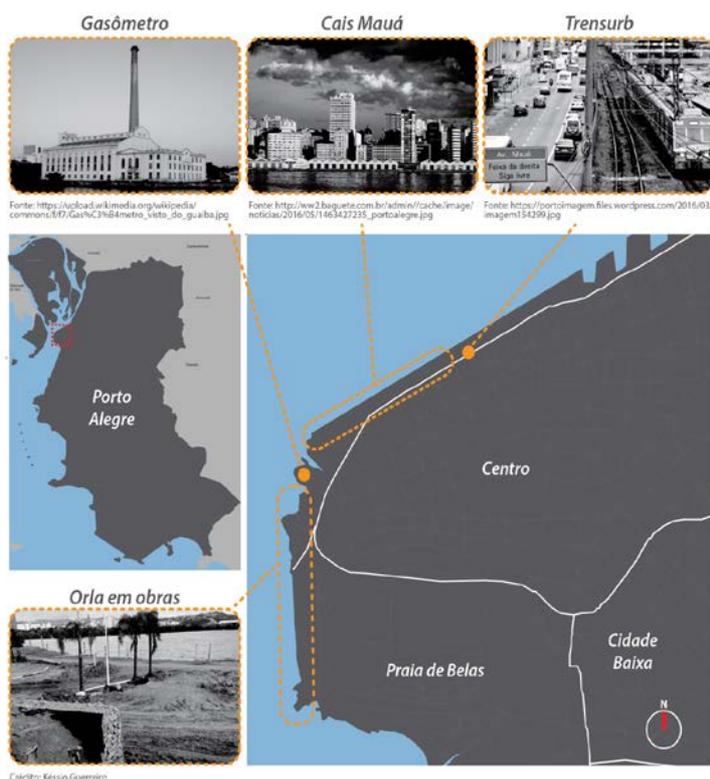


Imagem 2 - Intervenção urbana nas margens do Guaíba, cidade de Porto Alegre. Fonte: (MARZULO et al, 2016).

No local destacado na Figura 1 acima a Prefeitura Municipal propõe uma obra dita para qualificar e revitalizar o espaço. Como revitalizar um espaço que não morreu e que é qualificado e intenso de vida pública? Um elemento que merece destaque com relação à obra em fase de materialização é seu processo licitatório, realizado sem consulta popular e com pouca divulgação do projeto, ou seja, escondida sob os próprios tapumes que atualmente acortinam a obra em questão.



Imagem aérea da Orla de Porto Alegre.
Fonte: www.zh.clicrbs.com.br



Imagem do projeto proposto para a Orla de Porto Alegre.
Fonte: wp.clicrbs.com.br/estamosemobras



Orla da cidade em um final de semana de 2015.
Fonte: www.rodandopelomundo.com



Orla do Guaíba com tapumes.
Fonte: Google Street View. Acesso em: 29/08/16.

Quadro 3 – Transformação da paisagem da Orla de Porto Alegre

Percebe-se que, na experiência de Porto Alegre, além dos projetos em questão, outros espaços de orla estão ou já passaram por discussão, sendo todos os estudos desarticulados entre si, sem uma visão integrada de paisagem. Assim, o local está sendo tratado como uma área de abrangência pontual, abstraindo a centralidade e o valor histórico da orla, da Usina do Gasômetro, do Cais do Porto e os demais projetos de orla em andamento ou previstos. Segmenta-se a orla da cidade em vários projetos díspares ao invés de pensá-la em conjunto. Apaga-se a dinâmica cotidiana do espaço para restringir seu uso a poucos privilegiados.

EXPERIÊNCIAS DE APAGAMENTO E SIGNIFICAÇÃO DE MEMÓRIAS EM PAISAGENS URBANAS

O conjunto de interrelações propostas esteve atravessado pelo conceito de experiência (Jay, 2009), seja em seu sentido de experimento, isto é relativo a cada situação específica, conforme o nível de análise a ser acionado, a saber, espacial, social e temporal, para o estabelecimento das articulações entre memória e paisagem; seja como experiência acumulada cujo sentido remete imediatamente a memória e sua incidência nas práticas do lugar (Certeau, 1996). Experiência assume o nível mais abstrato de referência do fenômeno em análise, sendo empregada como conceito que remete ao experienciado ou experimentado, tornando-se acessível através do discurso.

A produção e circulação de imagens, especialmente no cenário contemporâneo, ocorrem cada vez com maior intensidade, velocidade e crescimento. De forma análoga, ocorrem as transformações sócioespaciais nas metrópoles, onde as paisagens têm sido modificadas constantemente a partir da especulação imobiliária e das constantes alterações do planejamento urbano, interferindo no ambiente. Não só no ambiente construído enquanto edificação privada, pois também no ambiente de uso público e nos espaços públicos de convivência ocorrem alterações, seja devido à alteração da paisagem por deterioração ou privatização, seja através de projetos que se apresentam com a marca, no sentido do marketing urbano, de revitalização dos espaços. A paisagem urbana vem sendo tomada por figuras cenográficas, trocando suas referências históricas e cotidianas pela espetacularização da paisagem.

Central para a aproximação dos processos de urbanização globalizados é a relação entre o estado e o mercado. É sabido que os grandes operadores financeiros e imobiliários exigem terrenos em ótimo estado para implantar uma cidade genérica e homogênea, em um processo político no qual a cidade se encontra em disputa. Neste cenário o planejamento urbano age, espacial e temporalmente, relacionando os princípios do estado com as práticas de mercado, configurando-se como instância que, por princípio, está ligado a estas duas instituições de modo a otimizar suas correlações com uma perspectiva de futuro - o planejar. No quadro contemporâneo, a modernidade e a tradição não são categorias histórico-temporais que se sucedem, pois antes categorias sociohistóricas que se interpenetram e se constituem reflexivamente. A modernidade não está fundamentada na ruptura entre o antigo e o novo, ou seja, não está imbricada em uma distinção temporal, mas sim, como elemento conceitual. A interpretação da tradição e modernidade benjaminiana (Bolle, 1994) se configura na concepção da experiência social do século XIX, construindo assim, categorias para uma historiografia não linear nem evolucionista da época.

Uma característica dos processos de urbanização das metrópoles contemporâneas é a dissolução da memória plural e complexa, um mecanismo político que pretende impor de forma absoluta novas identidades coletivas, concepções simples e manipuladas do social, no presente marcada pela transformação do moderno cidadão, pertencente a uma classe social e assim dotado de inserção na temporalidade e espacialidade, em consumidor. O processo relacional entre territorialização, identificação e memória está estruturado em um modelo político sustentado no sistema de construção das cidades para apagar a memória urbana e constituir a paisagem como espaço de consumo.

A alteração das paisagens que marcam determinados períodos históricos de uma cidade, no entanto, por estarem associadas a uma memória coletiva e assim serem significativas para a própria ideia de cidade, exigem amplo debate e realização com a cuidadosa cautela necessária a

fim de valorizar seus elementos constituidores. Trata-se de uma questão de direitos difusos, previsto na legislação associada ao patrimônio cultural. Conforme Clementi (2006) a paisagem não pode ser considerada o resultado da soma dos bens culturais existentes, mas sim um valor acrescido a estes, sendo um patrimônio que envolve de maneira relacional a todo o território e que, por sua vez, necessita de estratégias de intervenção articuladas com a finalidade de favorecer e evidenciar as diferenças reconhecidas do contexto local.

Por se tratar de questão absolutamente atual e pouco tratada no âmbito de nosso campo de estudos e pela particular importância que assume na formação da sociedade nacional brasileira, a questão da imagem se apresenta como tema que tende a ocupar posição central nas investigações no Planejamento Urbano e Regional e estudos urbanos e regionais em geral. Em suma, tem-se como urgente afirmar a questão dentre as emergentes na área.

REFERÊNCIAS

- ARFUCH, L. *Memoria y autobiografía. Exploraciones en los límites*. Buenos Aires: Fondo de Cultura, 2013.
- BESSE, Jean-Marc. *Las cinco puertas del paisaje. Un ensayo de una cartografía de las problemáticas paisajeras contemporáneas*. In: MADERUELO, Javier (Org.). *Paisaje y pensamiento*. Madrid: Abada Editores, 2006. p.145-171.
- BOLLE, Willi. *Fisiognomia da Metrópole Moderna: Representação da História em Walter Benjamin*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.
- CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CLEMENTI, Alberti. *Paisaje y gestión del territorio en Italia*. In.: *El Paisaje y la gestión del territorio: criterios paisajísticos en la ordenación del territorio y el urbanismo*. Comp: Mata Olmo, Rafael e Tarroja i Coscuella, Alexandre. Barcelona: Diputació de Barcelona, Xarxa de municipis, 2006. 375-390.
- COSGROVE, D. *Geography and Vision. Seeing, imaginig and representing the World*. Londres-Nova York: I.B. Tauris, 2008.
- DELGADO, Manuel. *La ciudad mentirosa. Fraude y miseria del "modelo Barcelona"*. Madrid: Los libros de la Catarata, 2007.
- FLUSSER, V. *O mundo codificado*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- HAESBAERT, Rogério. *Identidades Territoriais: entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial (ou: do hibridismo cultural à essencialização das identidades)*. In: HAESBAERT, R.; ARAUJO, F. *Identidades e Territórios: questões e olhares contemporâneos*. Rio de Janeiro: Access, 2007. p.33-56.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- HIRSCH, Marianne. *The Generation of Postmemory*. In: *Poetics Today*29, 2008.

- JAY, Martin. Cantos de experiencia. Variaciones modernas sobre um tema universal. Buenos Aires: Paidós, 2009.
- _____. Relativismo Cultural e a Virada Visual. In: Aletria: Revista de Estudos de Literatura. 1 out. 2012, p.14-28.
- LIPOVETSKY, G. e SERROY, J. A estetização do mundo. Viver na era do capitalismo artista. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- MARTINS, Marina e MARZULO, Eber Pires. A IMAGEM DO URUGUAI: Uma leitura da paisagem construída pelo cinema contemporâneo. In.: Anais do Fórum Patrimônio: Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável – Paisagem Cultural. Belo Horizonte, v. 7, n. 1, 2014.
- MARZULO, Eber Pires. Espaço dos Pobres: Identidade social e territorialidade na modernidade tardia; Tese de doutoramento em Planejamento Urbano e Regional; Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Rio de Janeiro, 2005.
- MARZULO, E., CARVALHO, A., e TESSLER, G. O imbróglio sobre as favelas e instauração do real. In: XVI Encontro Nacional da ANPUR, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <http://xviananpur.com.br/anais/?wpfb_dl=650>. Acesso em: 27 nov. 2016.
- POLLACK, Michael. Memória e Identidade Social. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, vol. 5, n.10, 1992. p.200-212.
- RAFFESTIN, Claude. Dalla nostalgia del territorio al Desiderio di paesaggio – elementi per una teoria del paesaggio. Firenze: Alinea Editrice, 2005.
- SANTOS, R. E. N. dos. Ativismos Cartográficos: notas sobre formas e usos da representação espacial e jogos de poder, [Online] Revista Geográfica de América Central. 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/viewFile/2299/2195>>. Acesso em: 27 nov. 2016.
- WEBER, Max. The city. Trad. Don Martindale e Gertrud Neuwirth. Nova York: The Free Press; Londres: Collier-Macmillan, 1966.